NÓS NA CRIAÇÃO: A RELAÇÃO ENTRE A FÉ E O MEIO AMBIENTE

Josias Vieira do Nascimento Junior[1]
Géssica Dias Lins de Oliveira[2]

Resumo

A igreja evangélica brasileira vive contemporaneamente um isolamento. Um anestésico foi administrado pelo evangelicalismo, que pregou o Evangelho aqui no hemisfério sul, trazendo um *modus* de culto, no qual a religiosidade, com o passar do tempo, foi ganhando status de divindade. Nesse processo colonizador, costumes europeus e norte-americanos tornaram feia, suja, imprópria e pecaminosa a idiossincrasia local. O espiritualismo passou a ser o campo de atuação da fé, sem observar as demandas reais do mundo, quer sejam elas humanas ou ambientais. Assim, passou a entender tudo para além da alma, como utilitário, e a não preservar. Afinal, isto será destruído, dando lugar a um novo reino, que assim se demonstra acultural, a-histórico e anacrônico. Contraditoriamente ignorando o que está contido em Gênesis 2: 15 e II Coríntios 5: 18,19, na periferia da cidade há uma proliferação de igrejas de tamanhos, teologias e liturgias, enquanto o racismo ambiental nesses mesmos lugares toma conta dos espaços, forçando famílias a conviver com a degradação do seu próprio local de vivência. Desse modo, este trabalho se propõe, de forma reflexiva, a pensar como essa postura religiosa não entende como o trato com o meio ambiente apresenta os sinais do Reino de Deus. Como exemplo da discrepante relação entre amar a Deus, que não se vê, mas degrada o ambiente criado por Ele, comissionando à humanidade cuidar desse mesmo ambiente. Assim, o caso do Rio Tejipió, rio urbano com 20 km de extensão, majoritariamente situado na cidade do Recife, se torna ilustrativo para essa abordagem. Diante desse cenário, encontra-se o Projeto Rio Limpo, Cidade Saudável. Nele, um grupo de estudos bíblicos chamado Nós na Criação, foca na leitura crítica das escrituras, buscando contextualizar Fé e um projeto de sociedade que compreenda a vida humana na inter-relação com o meio ambiente, entendendo não haver vivência do Evangelho de Cristo dissociando-se o ser humano da Criação. Através da metodologia de estudo de caso, conclui-se que a juventude de igrejas situadas na Região Oeste do Recife passou a se perceber cuidadora do seu espaço, entendendo o Evangelho como veículo de transformação de demandas comunitárias, colocando-se na linha de frente de um trabalho que tem como objetivo promover a justiça, sinalizando o Reino de Deus e sua redenção para todas as coisas. Abrindo mão de ser a igreja reprodutora da colonização, mas partindo da realidade brasileira, com seus traços característicos, busca o verdadeiro de uma relação com a Criação e não o consumo dela.

Palavras-Chave: Criação. Fé. Política. Meio Ambiente. Justiça.

O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto do seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele.
Paulo Freire – Pedagogia da Autonomia

[1] Formado em Marketing e pós-graduado em Marketing Estratégico, cursa Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana e integra o Colegiado de Relações Externas da Igreja Batista em Coqueiral (IBC). Faz parte de movimentos de confissão cristã como a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito e é conselheiro do Movimento PE de Paz.

[2] Formada em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco e Pós-Graduada pela PUC Rio/CEFEPE, Atua no Instituto Solidare como Assistente Social e Representa a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito em Pernambuco, além de integrar outros movimentos de confissão cristã como o Coletivo Vozes Marias.

Introdução

No ano de 2016, a Igreja Batista em Coqueiral, junto com o CIPEL (Conselho Interdenominacional de Pastores e Lideres), que reune pastores de igrejas de bairros da Zona Oeste da Cidade do Recife, aprovou através do Instituto Solidare, o Projeto Rio Limpo, Cidade Saudável, com apoio estratégico da Tearfound Brazil, instituição inglesa que apoia projetos sociais. Esse projeto tem como foco capacitar igrejas cristãs evangélicas e a comunidade em geral para o enfrentamento planejado das enchentes do Rio Tejipió.

Todos os anos mais de 80 mil pessoas que residem nos bairros de Coqueiral, Curado, Sancho, Tejipió e Totó, além do Distrito de Cavaleiro em Jaboatão dos Guararapes, são afetados pelas enchentes do Rio Tejipió, que fica na periferia da região já descrita acima. Tal fato é ocasionado pela ineficiência das políticas públicas e pela falta de consciência ambiental.

Tendo em vista as ações do Projeto e seu monitoramento, este trabalho tem o objetivo de analisar através do estudo do caso do grupo de estudos Nós na Criação os impactos trazidos junto à juventude das igrejas evangélicas no entorno do Rio. Este objetivo motiva-se porque foi percebido um estranhamento do que convencionalmente vem sendo pregado nas igrejas. Com o Projeto, a espiritualidade não estava mais contida na abstração litúrgica dominical, ela passava então a estar contida na demanda comunitária. Foi então que uma pergunta se fez necessária: “Acaso o trato com o rio e suas problemáticas não seria um assunto espiritual?” Nascia então o grupo de estudos “Nós na Criação”.

Nós na Criação

A resposta foi fria e cortante. As comunidades de fé não veem a responsabilidade com o meio ambiente como sendo algo espiritual. Então, algo precisava ser feito para que uma caminhada pudesse ser trilhada na direção da relação entre Nós e a Criação.

Assim sendo, surge a ideia do grupo de estudos “Nós na Criação”. A partir dele, essa juventude puderia olhar de forma crítica para a relação entre a fé e o *kosmos*, o tudo criado, o *Oikouméne*, a nossa casa comum.

Um foco Teológico para Nós na Criação

No primeiro momento do grupo, buscou-se entender a fala de Jesus ao entrar na casa de Zaqueu e dizer que “o filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.” (Lc 19,10). Desde o verso primeiro, a narrativa conta um episódio da caminhada de Jesus em seu ministério aqui na Terra, cercado por multidões e chegando ao mais profundo da subjetividade humana.

Nessa mesma narrativa, é possível observar que são envolvidas questões voltadas ao ser humano, até mesmo na fala de Zaqueu, que foi constrangido pela chegada do Mestre. Mas, é o olhar cuidadoso sobre quais estruturas são impactadas, que nos mostra o que Cristo causou em termos de mudança naquele encontro na casa de publicano. Ele impacta o costume dos sábios de sua época que não se misturavam com esse tipo de gente, e causa assim um estranhamento cultural/social. Zaqueu se move na direção de devolver quatro vezes mais o que havia defraudado, além de dar metade do que possuía para os pobres. Há então uma incidência econômica e de justiça.

Mas, o que isso haveria de ter relação com o meio ambiente? Precisamos olhar então um pouco antes na história da Criação.

Lá no Jardim, quando da ocasião da queda, *Yaweh* procura homem e mulher para tomar satisfação do que havia acontecido. Há uma consequência pelas atitudes do ser humano. Todo o sistema da criação, o todo criado, o cosmos fora comprometido[3] pelo simples fato de Deus ter entregue a esse ser a responsabilidade[4] sobre a Criação. O ato de desobediência, porém, a sujeitou às consequências[5]. Portanto, é desse cosmos que se quer tratar aqui.

Para tratar desse cosmos, é preciso entender que muito se perde quando se deseja tornar fácil a leitura das pessoas, haja vista que nenhuma tradução é neutra, e assim é possível encontrar algumas traduções apontando “quem se havia perdido” para o texto de Lc 19,10. Essa leitura tendenciosa acaba pondo o ser humano no centro do plano de salvação de Deus. Porém, para de fato entender o que a mensagem dos evangelhos quer dizer, é preciso estudar o papel da hermenêutica, com muito cuidado, como aponta Osborne.

[3] Gn 3:17,18
[4] Gn 2:15
[5] Rm 8: 20

> As verdades do evangelho são simples, mas a tarefa de desvendar o significado original de textos específicos é complexa e exige trabalho árduo. Podemos cumprir essa enorme responsabilidade apenas quando desenvolvemos e aplicamos uma hermenêutica consistente. (OSBORNE, 2009, p. 28)

Para essa leitura hermenêutica, ainda que trabalhemos com a hipótese da tradução mais próxima do original grego para o português, que diz que: “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”, podemos ainda menos determinar a humanidade como sendo objeto de busca e salvação pelo Filho do Homem, uma vez que, “o perdido” tanto pode ser o ser humano perdido, como o cosmos perdido, como apontam os textos de Gn 2:15, Gn 3:17, Jo 3:16, Jo 3:17 e Rm 8: 18-22. Como consequência de uma leitura tendenciosa, precisamos entender então quais as possíveis origens para essa antipatia com o cosmos.

Antipatia com o *cosmos*

Segundo a história do cristianismo, o Concilio de Niceia foi o primeiro grande Concílio Ecumênico realizado, por reunir aproximadamente 300 bispos de profissão de fé cristã. A palavra ecumenismo provém do termo *Oikoméne*, que tem como significado todo lugar habitado. Aqui, adicionamos a ideia de Casa Comum. Este *Oikoméne*, que não é apenas a reunião dos que professam a mesma fé, e analisado pelo viés do todo habitado, nos dá também a ideia do *kosmos*, que em si, significa o todo criado, embora alvo por grande parte dos que professam a fé cristã de olhares torcidos por considerarem que não há necessidade de lhe dar importância. Isto pode, de alguma forma, começar a explicar a dificuldade de os jovens nas igrejas ao redor do Rio Tejipió compreenderem que as demandas da espiritualidade cristã se apresentam para além da transcendência, e sobretudo na revelação de Deus na Criação, imanência.

Assim, para tentar entender essa antipatia para com o *kosmos*, ou *oikoméne,* decidiu-se elencar dois pontos da história do Cristianismo. Tais pontos podem trazer luz a uma pergunta básica: “Por que os cristãos contemporâneos tendem a dissociar vida e espiritualidade cristã dos cuidados com a casa comum, ou seja, a Criação?” Neste contexto, podemos olhar para os referidos motivos que podem ter influenciado o evangelicalismo que chegou ao hemisfério sul:

1. A influência indireta, do docetismo, a espiritualidade cristã, ocasionada pelo surgimento dessa doutrina nos primeiros séculos;

2. O advento da retirada da Bíblia das mãos do povo, por volta do séc V.

No que tange ao docetismo, que trata da aparente encarnação de Jesus, mesmo não sendo encontrados indícios claros na história pós-reforma, pode-se inferir que não encarnando nossa humanidade, não haveria encarnado dores, aflições, os pesos que nos oprimem, e também não poderia entender, e ser parte da expurgação através do racismo ambiental, como diz Ivone Gebara:

> [...] Sem dúvida não se pode destruir as florestas nem matar os rios, mas não se pode igualmente esquecer daquilo que está em relação direta e imediata com os corpos marginalizados das grandes periferias do mundo. Não se pode esquecer do meu corpo, de seu corpo e das condições necessárias para uma digna vivência, obra sem dúvida coletiva. (GEBARA, 2014, p. 315)

Jesus também não poderia sofrer todas as consequências desses fatos. Ao contrário disso, o evangelista João afirma que "...o Verbo se fez carne e habitou entre nós..." (Jo 1: 14) experimentando inclusive a segregação social conforme dito em (Jo 1:46): "...acaso poderia vir alguma coisa boa de Nazaré?" e assim experimentou, como cada uma e cada um, a humanidade.

Assim, se a igreja afirma que Jesus veio em carne, morreu e ressuscitou, não pode negar o plano de Deus em reconciliar, através de Cristo, todas as coisas, incluindo o cosmos. E isso começa a partir daqui, sinalizando o Reino de Deus que já é, mas ainda não.

À medida que, no século V, a Bíblia é retirada das mãos do povo, e sua leitura só pode ser feita pelos clérigos, que estariam mais preparados para interpretar as Escrituras Sagradas, as pessoas comuns, conhecidas como leigas, ficam à mercê das interpretações, que por sua vez, nascem do ponto de vista destes mesmos clérigos. Assim lhe é negada também a orientação de que o Reino de Deus se relaciona e tem interesse, não somente no *pneuma,* alma, espírito, mas, se importa com o todo criado.

A espiritualidade cristã acaba deixando de fora do pensamento da igreja, tudo mais. O espiritualismo era o campo de atuação da fé, não as demandas reais do mundo, humanas ou ambientais. Assim, eclode um crescente número de igrejas e denominações nas periferias das cidades, e mais precisamente do Recife, as quais buscam atender essas mesmas demandas da alma. Porém, anualmente, essas mesmas "almas" sofrem com as enchentes oriundas das toneladas de resíduos que obstruem o caminho da água do rio.

Se a Igreja não atender à Missão que é de Deus, e precisa ser executada através dela na Terra; se ela não denunciar as ações ou falta de ações que originam a pesada fala do profeta Oseas no capitulo 4, pesará sobre ela tais acusações.

Tanta antipatia para com a Criação, tem como causas as citadas aqui nestas linhas. Uma soma de sincretismo gnóstico e negação do acesso, são estes passos largos para fazer cristãos fracos conforme 1 Ts 5:14. Mas há que se observar o fato de que o apóstolo Paulo menciona que suportar os fracos signifique dar condições para que estes possam, alimentando-se, tornar-se fortes. Assim, fica claro que é pecado contra Deus e contra a Criação, manter indiscriminadamente a ignorância, e por sua vez, a antipatia com a mesma, deixando aberta a lacuna de como proceder para um olhar redimido para uma Criação em remição.

Uma Leitura Crítica das Escrituras.

Segundo o mestre Paulo Freire, criticar começa pelo objetivar, não "objetificar", mas tornar determinada coisa alvo da atenção, que não enxerga puramente a superfície visível, mas largura e profundidade da coisa observada. Assim, o ler criticamente as escrituras está para o "Nós na Criação", tal qual a horizontalidade da Pedagogia Freiriana, segundo a qual educandos e educadores são, para além de folhas em branco e depositantes, sujeitos que põem sobre a mesa suas certezas e dúvidas para um discernir do objeto.

No cenário onde as igrejas perguntam se o cuidado com a Criação faz ou não parte da *Missio Dei*, somos levados a buscar para onde as escrituras apontam. Partindo do texto já abordado neste artigo de Lc 19:10, mas não ficando só nele, já são seis temáticas profundas, abordadas pelo Nós na Criação, que têm feito repensar qual o papel da Igreja diante da degradação ambiental. São elas: A Criação/O Reino de Deus; As Dores da Criação; Reconciliar todas as Coisas; Jubileu – Um Novo Projeto de Sociedade (parte I); Jubileu – Parte II - O Manifesto de Nazaré; Jubileu – Parte III – Equidade e Justiça

Quanto às conclusões a que se chegou com os encontros até agora? Pode-se citar que um dos maiores dramas encontrados está baseado no que diz a Tearfound: "A proclamação de que o Rei chegou deve ser acompanhada por sinais visíveis da presença do seu Reino!" (MAGGAY, 2007 P 8). Seria lindo se o referido Rio não estivesse rodeado por famílias de baixíssima renda, pressionadas a invadir o leito do Tejipió construções irregulares por falta de habitação digna e de políticas

públicas. E com a falta de saneamento que as leva a direcionar seus canos e dejetos para as águas já poluídas por indústrias situadas ao longo do percurso da calha do Rio. Então, visivelmente, os sinais do Reino ainda não chegaram ao Rio Tejipió. Porque, quem deveria agenciar os sinais do Reino ao redor do Rio, não está fazendo, porque se ocupa unicamente das almas e das bênçãos.

Considerações Finais

Chegamos a compreensões, e de forma inconclusa, de que as dores de parto da Criação, são frutos do pecado. Que em Jesus, Deus culmina seu plano de reconciliar consigo todas as coisas, e isto inclui devolver a criação sua plenitude, e compreender a relação vital entre ela e o ser humano. Que o Jubileu trata, além de questões de dívidas e plantio, da recuperação da terra que serve ao sustento das pessoas ao seu redor, mas, principalmente, de equidade entre todos e o *cosmos,* para que Deus seja glorificado com a justiça no meio do seu povo. Ler criticamente as escrituras é buscar uma hermenêutica responsável, o próximo lugar de entendimento, que após a superfície da primeira leitura, conduzirá à revelação do que não estava aparente. Esta leitura faz com que, cada envolvida/o queira saber da relação entre "a terra produzir espinhos e cardos..."[6], "Deus amou o mundo..."[7] e o "Está consumado!"[8] Entendendo que o pedido de Jesus, que o Pai não "os" tirasse do mundo, mas "os" livrasse do mal[9], tem relação com todas as coisas neste *kosmos.* Fazer parte de um sistema com o qual o Pai, Filho e Espírito Santo se importam ao ponto de se envolver com o mesmo para que, através da morte vicária, reconcilie consigo todas as coisas.

Referências

DIAS, Zwinglio Mota. **Discussão sobre a Igreja**. São Paulo, 2. Ed. Fonte Editorial, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática** educativa. 51º Ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GEBARA, Ivone. **Teologia urbana: ensaios sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana.** São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

[6] Gn 3:18
[7] João 3:16
[8] Jo 19:30
[9] João 17:15

MAGGAY, Melba Padilla, **Missão Integral: Fundamentos Bíblicos**., Filipinas. Im:press 2007.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à inrerpreração bíblica.** Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.